

ELIAS

A HORA DA DECISÃO

Um dos capítulos mais emocionantes da Bíblia é 1 Reis 18. É um capítulo que pode inspirar títulos de sermões pitorescos: “A Batalha dos Deuses”, “A Prova Final no Monte Carmelo”, “O Deus que Responde com Fogo”. Gosto de “Hesitando entre Duas Opiniões” ou simplesmente “A Hora da Decisão”.

Este grande capítulo retrata uma série de confrontações. Elias é confrontado, vez após vez, por um ou mais indivíduos.

UMA CONFRONTAÇÃO DIVINA (18:1, 2a)

Primeiramente, ocorre uma confrontação divina entre Deus e Elias:

Muito tempo depois, veio a palavra do Senhor a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra (v. 1).

“No terceiro ano” provavelmente refere-se ao tempo em que Elias estava em Sarepta¹. A seca durou três anos e meio (Lucas 4:25; Tiago 5:17). O povo teve mais de três anos para constatar que Baal não tinha o poder de produzir chuva. Deus decidiu que estava na hora de chamar o povo de volta para Si, por isso, mais uma vez, “veio a palavra do Senhor a Elias”. Deus estava pronto para dar o próximo passo do Seu plano.

Como sempre, quando Deus falava, Elias obedecia: “Partiu, pois, Elias a apresentar-se a Acabe” (v. 2a).

¹Os críticos da Bíblia já tentaram encontrar uma contradição entre a expressão “no terceiro ano” e o fato de o Novo Testamento dizer que a seca durou três anos e meio. Elias certamente passou quase um ano em Querite e cerca de dois anos e meio (“no terceiro ano”) em Sarepta. Isto totaliza três anos e meio.

UMA CONFRONTAÇÃO PROVIDENCIAL (18:2b-16)

Uma história paralela conta como Elias e Acabe se reuniram (vv. 2b-16). A confrontação foi entre Elias e Obadias, um crente no Senhor².

Acabe mandou seu servo Obadias encontrar pastagem para seus animais. Enquanto Obadias procurava uma pastagem, ele encontrou Elias, o qual disse-lhe para levar ao seu senhor a seguinte mensagem: “Eis que aí está Elias” (v. 11). Nisto, Obadias ficou nervoso, pois Elias inicialmente aparecera do nada e depois desaparecera rapidamente. Obadias temia que Elias já tivesse ido embora quando Acabe chegasse, provocando no rei tanta raiva que ele mataria o servo (vv. 9-12). Elias, porém, garantiu-lhe: “Tão certo como vive o Senhor dos Exércitos, perante cuja face estou, de veras, hoje, me apresentarei a ele [Acabe]” (v. 15).

UMA CONFRONTAÇÃO COM O REI (18:17-20)

Esse encontro levou a uma confrontação com o rei: “Então, foi Obadias encontrar-se com Acabe e lho anunciou; e foi Acabe ter com Elias” (v. 16). Acabe e Elias ficaram face a face pela primeira vez em mais de três anos.

Para analisarmos melhor essa confrontação, retomemos o fim do versículo 2: “...e a fome era extrema em Samaria” (grifo meu). As coisas iam mal no país. Os antigos acreditavam que uma das maneiras de anular uma maldição era destruir quem a proferiu. Por isso, durante anos Acabe mandou que procurassem Elias por toda parte. Obadias relatou

²Não há tempo nesta apresentação para entrarmos nesta interessante história com detalhes. Veja na página 36 mais informações sobre esta parte do texto.

(1 REIS 18:1-40)

a Elias: “não houve nação nem reino aonde o meu senhor não mandasse homens à tua procura” (v. 10). Agora, de repente, Elias reaparecia para confrontar Acabe mais uma vez.

Visualize Acabe montado a cavalo. Parado diante dele—as pernas afastadas, os punhos na cintura, o vento esvoaçando a túnica de pêlo e os cabelos emaranhados—estava o inimigo mais odiado de Acabe, Elias! Acabe fala rispidamente: “És tu, ó perturbador de Israel?” (v. 17) Em outras palavras: “Você está vendo a relva queimada e as árvores mortas, os ossos de animais mortos, os clamores das pessoas famintas? É tudo culpa *sua*. Você perturbou esta terra!” Em vez de admitir que seu próprio pecado havia suscitado aquela calamidade ao país, Acabe culpou Elias pelas tribulações de Israel.

Essa atitude é típica, não é? Desde o Jardim do Éden, os homens culpam outros por seus problemas. Aconselhei certa vez uma mulher, cujo marido, num acesso de raiva, enterrou o punho na vidraça da janela, depois segurou o punho cortado e ensanguentado e gritou: “Olha só o que *você* me fez fazer!”

Elias não se deixou intimidar; pelo contrário, colocou a culpa no lugar ao qual ela pertencia: “*Eu* não tenho perturbado a Israel, mas *tu* e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor e seguistes os baalins³” (v. 18; grifo meu). Em outras palavras, ele estava dizendo: “Esta calamidade sobreveio a você por causa dos seus pecados!”

Façamos uma pausa para destacar um ponto importante. De tempos em tempos, as pessoas tentam introduzir práticas não-bíblicas na igreja. Quando alguns contestam, os introdutores da inovação dizem: “Vocês estão causando problemas!”⁴ Elias responderia: “Não! Quem abandona os caminhos de Deus é que está causando problemas à Israel espiritual!”

Elias instruiu Acabe: “Agora, pois, manda ajuntar a mim todo o Israel no monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas do poste-ídolo que comem da mesa de Jezabel” (v. 19).

³A forma plural é usada porque várias formas da adoração a Baal, incluindo a de Aserá, haviam sido introduzidas.

⁴Um caso que exemplifica isto é a introdução de instrumentos musicais na adoração pública nos Estados Unidos, que ocorreu no fim do século XIX. Os introdutores dos instrumentos diziam que os contestadores estavam causando divisão. Os contestadores, por sua vez, respondiam: “Vocês é que passaram dos limites!” (Romanos 16:17).

O monte Carmelo está situado no litoral mediterrâneo, oeste do mar da Galiléia⁵. Esse local provavelmente foi escolhido por várias razões. Era considerado um lugar sagrado por muitas pessoas. Era “um lugar alto” onde a adoração a ídolos havia substituído a adoração ao Deus verdadeiro. Era um lugar estratégico que continha tudo o que Elias precisava.

Visto que todo o povo de Israel havia se desviado de Deus, Elias quis um representante de cada família presente ali. Em especial, Elias quis a presença dos falsos profetas ali: os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal e os 400 profetas de Aserá, o equivalente feminino de Baal. Estes, provavelmente tanto homens como mulheres, “comiam da mesa de Jezabel”. Estavam sob a proteção pessoal da rainha.

“Então, enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo” (v. 20). “Os profetas” mencionados aqui são os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal (v. 22). Os 400 profetas de Aserá não compareceram à prova final. Possivelmente, Jezabel não os deixava; Acabe certamente não tinha controle algum sobre isso.

Por que Acabe fez o que Elias lhe mandou fazer? Ele poderia ter muitas razões. Talvez estivesse disposto a tentar qualquer coisa para pôr fim à seca. Talvez ele pensasse que quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal poderiam fazer o que ele não conseguiu fazer: destruir Elias. É provável que a reação do rei tenha sido simplesmente um tributo à poderosa influência do profeta.

UMA CONFRONTAÇÃO PESSOAL (18:21–24)

Vamos à cena no monte Carmelo, começando no versículo 21.

Num lado estavam os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal e sua comitiva. O número “quatrocentos e cinqüenta” pode não parecer tão impressionante, mas é se for comparado ao tamanho de nossas congregações⁶. É um número grandioso! Agora imagine esses quatrocentos e cinqüenta profetas bem alimentados, com cabelos longos e esvoaçantes, vestidos em esplendidas túnicas de púrpura de

⁵“Carmelo” significa “terra de jardim” ou “parque”. Era a faixa mais fértil do norte de Israel. O “monte” Carmelo é na verdade uma cordilheira de quase vinte quilômetros de extensão. O local tradicional da confrontação com os profetas de Baal é o ponto mais elevado, denominado atualmente de El Muhraka, “o lugar da queima”.

⁶Calcule o número total de ouvintes presentes e depois acrescente, dobre ou subtraia o quanto for necessário para o total ser 450.

Tiro com ouro na trama. Em cada peito havia um disco de metal polido para refletir o sol, o qual eles acreditavam ser o trono de Baal. Próximo ao rei e sua comitiva.

Observemos que aquele era um acampamento *de soldados*. Antes do dia acabar, os profetas de Baal estariam desembainhando espadas e lanças (v. 28).

Milhares de israelitas assistiam ao espetáculo: os mais importantes, os líderes e outras pessoas. (No local tradicional, havia um amplo espaço onde milhares podiam ver o que estava acontecendo.) Era um grupo com aparência de fome. Muitos, com certeza, tinham emagrecido após três anos de seca.

No outro lado, totalmente sozinho, havia um homem, Elias, um mensageiro tosco de Javé. Não sinta pena de Elias; ele era o homem de *Deus* em Israel, fazendo o trabalho de *Deus*, na missão de *Deus*. A proporção não era 450 para 1, nem 1.000 para 1; mas 1.000 para 1 *mais Deus*. “Se *Deus* é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31; grifo meu).

Elias estava no controle. Elias falou muitas vezes nesse capítulo. Toda vez que ele disse alguma coisa, foi com autoridade; em geral, era uma ordem. Ele ordenou a Obadias: “Vá dizer ao teu senhor que eu estou aqui”. E ordenou a Acabe: “Reúna todos no monte Carmelo”. Mais tarde, ordenou aos profetas de Baal: “Coloquem um boi no altar”. E ordenou ao povo, depois ao rei novamente. Elias estava no controle da situação.

Aprenda com esta história como representar sozinho a Deus em casa, na escola ou no trabalho. Sabendo que você se encaixa perfeitamente nos planos e propósitos de Deus, você pode assumir o controle da sua situação.

Tenha esta cena em mente, enquanto analisamos a confrontação pessoal entre Elias e o povo de Israel. Quando Elias começou a falar no monte Carmelo, ele não falou aos profetas de Baal nem ao rei, mas ao povo. Os profetas de Baal eram casos perdidos; Elias não fez esforço algum para convertê-los. Ele queria sim influenciar o rei, mas não se dirigiu inicialmente a Acabe. Naquele momento, sua preocupação era com o povo—o vacilante e transigente povo de Deus.

Elias disse aos israelitas: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (v. 21a). A palavra hebraica traduzida por “coxeareis” refere-se a “mancar como um coxo”. Imaginemos uma pessoa aleijada de nascença ou por um acidente, tendo uma perna mais curta que a outra. Na metáfora usada aqui, uma perna representa a adoração a Javé e a outra, a adoração a Baal. Elas não combinam! Elias diz: “Decidam

qual vão escolher. É hora da decisão! Vocês precisam decidir a quem seguirão!”

Está se tornando popular no clima religioso atual misturar religiões—um pouco de cristianismo, um pouco da religião oriental, um monte de misticismo. Esse “sincretismo religioso”, como são chamados, atrai muitas pessoas. Deus, porém, “nunca aceitou o sincretismo religioso”⁷. Os israelitas estavam tentando misturar a adoração a Javé com a adoração a Baal, e o porta-voz de Deus explicou: “Não pode ser assim! Vocês precisam seguir ou um ou outro! Decidam a quem vão seguir!”

Qual foi a resposta da multidão a esse desafio excitante? “Porém o povo nada lhe respondeu” (v. 21b). Muitos presentes *tinham* de saber que Elias estava certo; eles tinham de saber que Javé condenava o baalismo e todas as outras formas de idolatria. Sabiam que não poderiam dizer nada para se justificarem. Por outro lado, não estavam prontos para se entregar a Javé e assumir as conseqüências. Podiam contar com isso. Num lado estava um homem, no outro lado estavam quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, mais o rei e todas as suas forças. Por isso, eles nada responderam.

Já vi isto muitas vezes; talvez você também. Quando estuda a Bíblia com alguém, inicialmente essa pessoa discute as passagens com você, talvez até discorde de você. Finalmente chega a fase em que ela *sabe* o que precisa fazer; ela *sabe* que você pode responder com passagens bíblicas a qualquer objeção que ela levantar. Entretanto, ela não está pronta para assumir um compromisso, então se recusa a responder—e você se decepciona por dentro. Os israelitas eram assim. “O povo nada lhe respondeu.”

Elias foi mais incisivo do que qualquer um de nós teríamos sido em situações semelhantes. Ele tinha um plano em mente:

Então, disse Elias ao povo: Só eu fiquei dos profetas do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinqüenta homens. Dêem-se-nos, pois, dois novilhos; escolham eles para si um dos novilhos e, dividindo-o em pedaços, o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus (vv. 22–24a).

⁷Clyde M. Miller, *First and Second Kings* (“Primeiro e Segundo Reis”), Living Word Commentary. Abilene, Tex: A.C.U. Press, 1991, p. 7:272.

Elias ainda estava falando ao povo, não aos profetas de Baal. Deus enviou Elias para restaurar a chuva (v. 1), mas isso não aconteceria sem que houvesse algum sinal de arrependimento nacional. Sendo assim, Elias lançou uma proposta.

“Eu sou o único profeta do Senhor”, começou ele. Havia cem profetas escondidos em cavernas (v. 13), mas Elias era o único que estava fazendo o *trabalho* de um profeta naquele momento. Ele começou a explicar sua proposta: “Os profetas de Baal nos dão dois novilhos”. Como estavam sob a proteção do rei, os profetas podiam ir até o pasto mais próximo e pegar um par de novilhos. O novilho era um dos símbolos de Baal. “Eles escolham um primeiro”, continuou Elias. Aparentemente, todas as vantagens do desafio favoreciam Baal. “Então, devem espartear seu novilho sobre a lenha, sem atear fogo nele. Farei o mesmo com o meu novilho”, instruiu Elias. Obviamente, o modo usual de oferecer um sacrifício era acender a lenha sob o sacrifício. A seguir, Elias anunciou a sua prova decisiva: “Vocês invocam o nome do seu deus e eu invocarei o nome do Senhor, e o Deus que responder com fogo, esse é que é Deus!”

O primeiro desafio de Elias—não chovendo havia três anos—foi dirigido a Baal, e este segundo desafio também. Baal, criam eles, era o deus da *natureza*. Quando o trovão ecoava, era supostamente Baal falando. Além disso, os adoradores de Baal acreditavam que o sol era o trono de Baal. Quando eles viam o sol, gritavam louvores a Baal. Se Baal fosse realmente o deus da natureza, mandar fogo do céu seria uma brincadeira para ele.

O desafio de Elias incitou a imaginação dos israelitas. Talvez alguns tenham se lembrado que o Deus Javé enviara fogo quando Moisés inaugurou o tabernáculo (Levítico 9:24) e na dedicação do templo de Salomão (2 Crônicas 7:1). Aquela seria “uma batalha de deuses”! E tudo o que o povo disse foi: “É boa esta palavra” (v. 24b)⁸.

UMA CONFRONTAÇÃO TEOLÓGICA (18:25–29)

Pela primeira vez, Elias falou aos profetas de Baal: “Escolhei para vós outros um dos novilhos, e preparai-o primeiro, porque sois muitos, e invocai o nome de vosso deus; e não lhe metais fogo” (v. 25).

Elias falara primeiramente com o povo porque ele estava mais preocupado com eles; também, ao fazer isso, ele chamou a atenção dos profetas de

Baal. Elias não perguntou a eles se a proposta parecia justa ou se eles queria aceitá-la. Eles tiveram de aceitar o desafio ou admitir a derrota à revelia diante do povo; Elias, na verdade, deu-lhes uma *ordem*.

Testemunhamos a seguir o triste espetáculo de barulho e frenesi da religião vã.

Sendo humanos, ficamos impressionados com o espetáculo espiritual, com o vigor e a vitalidade no campo da religião. Dizemos: “Com certeza este grupo está certo. Veja tudo o que estão fazendo. Veja como são numerosos. Veja como são *ativos!*” Você ainda não viu atividade se não se sentou por cinco, seis ou sete horas, assistindo à apresentação dos profetas de Baal!

Tomaram o novilho que lhes fora dado, prepararam-no e invocaram o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos! Porém não havia uma voz que respondesse; e, manquejando, se movimentavam ao redor do altar que tinham feito (v. 26)⁹.

Podemos reconstruir, com base em registros seculares¹⁰, um quadro razoavelmente fiel do que os profetas de Baal fizeram. Eles começaram com um grito: “Ó Baal, ouça-nos”, depois começaram a dançar com um movimento giratório. E gritaram mais alto: “Ó Baal, ouça-nos”. A dança foi ficando mais frenética. Andaram em círculo, movimentando-se para frente e para trás, para junto do altar e para longe dele. Inclinando as cabeças, os cabelos varriam o chão. Provocaram um delírio entre eles mesmos enquanto gritavam: “Ó Baal, ajude-nos!” Isto continuou por horas, desde cedo até o meio-dia.

Aquela conjuntura, a loucura tornou-se contagiante e o povo uniu-se a eles. Todavia, Elias previu isso: “Ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará” (v. 27).

Esse versículo é engraçado; Elias disse coisas hilariantes. Ele tinha o direito de dizê-las. Os adoradores de ídolos pensavam que seus deuses pagãos eram uma extensão deles mesmos, uma projeção de suas qualidades humanas. Os deuses deles tinham apetites humanos e na maioria das vezes eram descritos como dotados das funções do corpo humano.

Elias tinha um propósito totalmente sério ao dizer essas coisas divertidas. O propósito dele era im-

⁹A palavra “manquejando” é da mesma raiz da palavra traduzida por “coxeareis” no versículo 21. Ambas significam literalmente “andar mancando”. O que fizeram foi grotesco.

¹⁰Com base em registros da adoração a Baal mais registros relacionados de outros idólatras.

⁸O hebraico diz literalmente “a palavra é boa”.

pedir que os israelitas fossem pegos naquela loucura atirando, figuradamente, um balde de água fria em suas cabeças. Com efeito, ele estava dizendo ao povo: “Não é ridículo?”

O profeta zombava deles dizendo: “Clamem mais alto! Se estiverem certos e Baal for deus, o problema não pode estar nele e sim em vocês. Vocês não estão falando alto o suficiente. Precisam chamar a atenção dele!”

“Talvez ele esteja ocupado.” Pense num homem assistindo a uma partida de futebol na TV, quando a esposa tenta obter a atenção dele. “Talvez Baal esteja assistindo à Copa do Mundo.”

“Talvez ele esteja meditando.” A expressão hebraica traduzida por “meditando” era um eufemismo nos tempos bíblicos para “indo ao banheiro”; e os comentaristas mais antigos estavam convictos de foi isso que Elias quis dizer. Todavia, ele poderia estar se referindo a cuidar dos negócios, como caçar para comer. Para os mais sensíveis, digamos que Elias estava sugerindo: “Talvez Baal tenha ido até a padaria”.

“Talvez ele esteja de viagem.” “Talvez ele tenha ido passar o inverno num clima mais quente.” “Talvez ele esteja a dormir e despertará.” Ele deve ter tomado uma pílula para dormir!

A zombaria de Elias surtiu dois resultados: parece ter conseguido o resultado desejado de alertar os israelitas que estavam acompanhando a histeria, e deixou os profetas de Baal furiosos!

E eles clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, segundo o seu costume, até derramarem sangue. Passado o meio-dia, profetizaram eles, até que a oferta de manjares se oferecesse (vv. 28, 29a).

Os falsos profetas de Baal lançaram-se ao segundo e terceiro estágios do ritual de Baal. Os gritos transformaram-se em berros demoníacos. Eles cortavam os próprios corpos com instrumentos afiados, e o sangue deles escorria, misturando-se com o suor de seus corpos. Se você estivesse perto deles, enquanto eles rodopiavam cada vez mais rápido, levaria uma espirrada de suor e sangue.

Começaram a “profetizar” (é o que o original hebraico diz). Se quiser saber o que eles fizeram, assista aos programas pentecostais ou carismáticos exibidos na TV. Eles começaram a pronunciar frases incoerentes e ilógicas—ao que alguns denominam “elocuições extáticas”. Era uma cena de caos e total histeria.

Finalmente, caíram ao chão, quatrocentos e cinquenta profetas exaustos, com as belas túnicas ensopadas de sangue e suor e cobertas de pó, após seis

ou sete horas de loucura. (Uma coisa podemos dizer sobre eles: deviam estar em boa forma física para fazer tudo aquilo!)

A seguir, lemos este triste comentário: “...porém não houve voz, nem resposta, nem atenção alguma” (v. 29b).

Uma palavra sobre sinceridade: é comum a filosofia de que sinceridade é a coisa mais importante no campo religioso, que, desde que você seja sincero, faz pouca diferença em que você creia ou o que você faz religiosamente. Olhando para os profetas de Baal prostrados em terra, vemos a personificação da sinceridade. Contudo, tudo aquilo não serviu para nada. Não basta ser sincero; é preciso estar sinceramente certo segundo a Bíblia.

UMA CONFRONTAÇÃO DECISIVA (18:30-35)

Era a vez de Elias. “Então, Elias disse a todo o povo: Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele” (v. 30a). Sem dúvida, algumas pessoas haviam se dispersado nas seis ou sete horas que antecederam esse momento. Elias reuniu-as novamente.

“Elias restaurou o altar do Senhor, que estava em ruínas” (v. 30b). Tinham derrubado o altar do Senhor e edificado altares a Baal e Aserá. Então, Elias reconstruiu o altar do Senhor. Mais uma vez Elias envolveu-se no trabalho de restauração. Ele não trouxe nenhuma lei nova; mas restaurou a velha. “Tomou doze pedras, segundo o número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual viera a palavra do Senhor, dizendo: Israel será o teu nome” (v. 31).

Elias não usou dez pedras, representando as dez tribos do reino do Norte, Israel. Ele usou doze pedras, representando todas as doze tribos. O povo havia se dividido, mas Deus queria que fossem *um só*. Certamente por orientação divina, Elias remontou ao tempo em que todas as doze tribos eram conhecidas como Israel.

Com aquelas pedras edificou o altar em nome do Senhor; depois, fez um rego em redor do altar tão grande como para semear duas medidas de sementes. Então, armou a lenha, dividiu o novilho em pedaços, pô-lo sobre a lenha e disse: Enchei de água quatro cântaros e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha. Disse ainda: Fazei-o segunda vez; e o fizeram. Disse mais: Fazei-o terceira vez; e o fizeram terceira vez. De maneira que a água corria ao redor do altar; ele encheu também de água o rego (vv. 32-35).

Não sabemos exatamente quanto eram “duas medidas de sementes”, mas parece que era uma porção considerável. Também não sabemos qual era o tamanho dos cântaros de água, mas podemos ter certeza de uma coisa: depois de doze cântaros de

água serem derramados sobre o altar, este ficou *encharcado*.

Os críticos costumavam ridicularizar este trecho dizendo: “Havia uma seca há três anos e meio, e ainda encontraram toda essa água!” Entretanto, o ribeiro de Quisom (v. 40), que era abastecido por várias nascentes, ficava perto dali¹¹. Além disso, o monte Carmelo ficam bem próximo ao mar Mediterrâneo. A água do mar não é boa para beber, mas é ótima para molhar qualquer coisa. Quando minha família e eu viajamos de navio para a Austrália em 1968, bebíamos água de tanques de reserva, mas tomávamos banho na água do mar. Perto do oceano, há um inesgotável suprimento de água!

Qual era o objetivo em encharcar o altar do sacrifício e tudo ao redor dele? Provar que não havia truques, que não havia um meio natural de atear fogo no sacrifício. Os sacerdotes pagãos recorriam a truques, como esconder brasas acesas no meio da lenha levada para o templo. (A história relata que em certa ocasião, os sacerdotes fizeram um buraco embaixo do altar e colocaram um sacerdote nele, para acender o fogo “miraculosamente” no momento psicologicamente certo. Todavia, por ficar num cubículo fechado, com uma chama acesa consumindo o oxigênio, o sacerdote sufocou-se antes de poder executar o serviço.)

Elias fez com que todo o altar ficasse encharcado. Ele estava preparando o povo para a hora da decisão.

UMA CONFRONTAÇÃO APOIADA NA ORAÇÃO (18:36–39)

Elias estava outra vez diante do seu Deus. Os profetas de Baal dedicaram seis ou sete horas de gritos apelativos. Elias, ao contrário, emitiu uma simples oração que ocupou dois versículos. Não houve histeria, simplesmente fé e confiança. (Imagino-o pedindo ao povo que se afastasse antes da oração!)

No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias e disse: Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo e que, segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo saiba que tu, Senhor, és Deus e que a ti fizeste retroceder o coração deles (vv. 36, 37).

¹¹O ribeiro existe até hoje. É chamado em árabe de “o rio da matança”. É um rio importante na Palestina, abaixo somente do Jordão.

“Então, caiu fogo do Senhor¹², e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego” (v. 38). Sabemos que pedras não são facilmente inflamáveis e que a terra pode ser usada para acabar com incêndios. O fogo do Senhor, porém, consumiu pedras, terra, tudo! Que visão espetacular deve ter sido aquela! Quem visitou esse lugar disse que o fogo poderia ser visto a quilômetros de distância—até em Jezreel, onde estava a rainha Jezabel (1 Reis 18:46; 19:1)!

Qual foi o efeito disso na multidão? “O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!” (v. 39). “Senhor” está em letras maiúsculas na maioria das versões para representar o nome sagrado de Deus, transliterado para Javé. As pessoas gritaram: “Javé é Deus!” Baal não é Deus; Javé é Deus! Pela primeira vez em anos, o nome de Javé estava nos lábios do povo. Naquele instante, a indecisão acabou!

UMA CONFRONTAÇÃO PRÁTICA (18:40)

Para concluir a história, precisamos ler o versículo 40, em que Elias diz ao povo: “Lançai mão dos profetas de Baal, que nem um deles escape. Lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou”.

Josefo acrescenta o detalhe de que o povo na verdade realizou o feito “instigado por Elias”.

A aparente brutalidade disso nos deixa perplexos. Numa lição posterior, falaremos de tudo o que está envolvido nesse ato; mas, por ora, vamos ponderar apenas alguns comentários: a lei ordenava que falsos profetas fossem exterminados (Deuterônimo 7:1–5; 13:13, 14). Isso deveria ter sido feito pelo rei, mas não foi; de fato esses profetas estavam sob a proteção dele. Elias demonstrou mais uma vez que os homens precisam respeitar as leis de Deus.

Olhando para a situação de outra maneira, havia uma malignidade na nação. Como um médico trata um câncer maligno? Ele não remove apenas uma parte dele, e sim o tumor inteiro e até os tecidos ao redor. Ele precisa remover *tudo* para curar seu paciente. Foi essa a intenção aqui.

CONCLUSÃO

O capítulo 18 é emocionante; foi a “hora da decisão” para Israel. *Hoje* é a hora da decisão para nós.

¹²Os comentaristas sugerem com frequência que isto foi um relâmpago. Sabemos, porém, que não foi um relâmpago comum, no mínimo, por duas razões: 1) ele consumiu pedras, terra, etc. Relâmpagos comuns não fazem isso. 2) Ele veio de um céu sem nuvens (v. 43).

Três grupos básicos estavam presentes no monte Carmelo, três grupos existentes em quase toda grande reunião de pessoas.

Em primeiro lugar, há os que são como Elias, totalmente dedicados a Deus, completamente comprometidos em realizar a Sua vontade. Infelizmente, esse grupo é sempre a minoria. Há, porém, aqueles que Deus pode usar, aqueles que estão sendo procurados por Deus¹³. O que aconteceria se Deus viesse a uma reunião de adoração hoje, à procura de um homem, uma mulher, um menino, uma menina que Ele pudesse usar? Ele poderia chegar até você e apontar, dizendo: “Ali, ali está alguém cujo coração permanece em Mim; ali está alguém que posso usar em Meu serviço”? Damos graças a Deus por termos essas pessoas na igreja: homens, mulheres, meninos e meninas que estão dispostos a se levantar sozinhos em defesa do que é certo, se for necessário.

Em segundo lugar, há os que são como os profetas de Baal, endurecidos no pecado e entregues à injustiça. Elias não fez esforço algum para convertê-los. É triste, mas é verdade que sempre há pessoas assim. Não é necessário falar muito com elas sobre a situação de suas almas. Elas já ouviram tantos sermões que a verdade não lhes atinge. Se você lhes diz alguma coisa, elas respondem: “Deixe-me em paz! Não venha pregar para mim!”

Então, há o terceiro grupo, o maior grupo de todos: os que são como os filhos de Israel, cuja fidelidade estava dividida, pois hesitavam entre duas opiniões. Eles não são totalmente maus, nem totalmente bons. Foi a um grupo assim que Elias falou; foi com essas pessoas que ele se preocupou; foram esses que ele desafiou a tomarem uma decisão.

Não é verdade que muitos de nós temos hesitado espiritualmente? O desafio para cada um de nós é o desafio que Elias lançou tempos atrás: decida a quem você vai servir! Se poder é o seu deus, então esqueça Javé e sirva ao poder. Se popularidade é o seu deus, então esqueça Javé e sirva à popularidade. Se dinheiro é o seu deus, então esqueça Javé e sirva ao dinheiro. Mas, se Javé é Deus, então sirva a Ele! Você tem de tomar a decisão: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mateus 6:24).

Seria maravilhoso se todas as pessoas hoje mesmo se entregassem totalmente ao Senhor dizendo: “O Senhor é Deus; o Senhor é Deus!” É igualmente emocionante quando uma única pessoa decide consagrar sua vida ao Senhor e volta ao seu trabalho ou

à sua escola para ser o homem ou a mulher de Deus naquela esfera de influência.

Nenhum fogo miraculoso do céu descerá para ajudar você a tomar essa decisão, mas estivemos estudando a Palavra de Deus e cremos que ela é *como* “fogo” (Jeremias 5:14; 23:29; Lamentações 1:13). Você consegue sentir a Palavra queimando nos seus ossos?

Espero que *você* diga: “A Palavra de Deus é verdadeira! Javé é Deus! Preciso obedecer a Deus!”

.....

NOTAS SOBRE RECURSOS VISUAIS

Você, pregador ou professor, será o “recurso visual”, sempre que der vida às cenas emocionantes desta lição através de suas palavras e movimentos corporais. Capriche na interpretação!

.....

ESBOÇO DA LIÇÃO

INTRODUÇÃO

A. Primeiro Reis 18 é um dos capítulos mais emocionantes da Bíblia.

B. Nesse capítulo, temos uma série de *confrontações*: Elias é confrontado vez após vez por um ou mais indivíduos.

I. UMA CONFRONTAÇÃO DIVINA (18:1, 2a)

A. Ocorreu uma confrontação divina entre *Deus* e Elias.

B. Deus disse: “Vai”, e Elias obedeceu.

II. UMA CONFRONTAÇÃO PROVIDENCIAL (18:2b-16)

A. Esses versículos contêm a história paralela de como Elias e Acabe se reuniram. Foi uma confrontação entre *Obadias* e Elias.

B. Obadias, servo de Acabe, sai à procura de pastagens para os animais de Acabe, quando encontrou Elias. O profeta pede que ele diga a Acabe: “Eis que Elias está aqui” (v. 11). Isto deixa Obadias nervoso (vv. 9-12), mas Elias lhe dá a palavra (v. 15).

III. UMA CONFRONTAÇÃO COM O REI (18:17-20)

A. Acabe e Elias ficam face a face depois de mais de três anos. Acabe responsabiliza Elias pela seca (vv. 2b, 17), mas Elias não se intimida (v. 18). (Quando pessoas desobedecem a Deus, elas é que são responsáveis

¹³Se o tempo permitir, leia Ezequiel 22:23-30 para seus ouvintes.

pelos problemas decorrentes disso; as pessoas que se opõem à desobediência não são responsáveis! Veja Romanos 16:17.)

B. Elias manda Acabe reunir os profetas de Baal no monte Carmelo (v. 19).

1. O monte Carmelo era considerado um lugar sagrado por muitas pessoas.
2. Era um lugar alto onde a adoração a ídolos tomara o lugar da verdadeira adoração.
3. Era um lugar estratégico.

IV. UMA CONFRONTAÇÃO PESSOAL (18:21–24)

A. Visualize os grupos presentes no monte Carmelo:

1. De um lado:
 - a. Os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e sua comitiva.
 - b. Milhares de israelitas: os mais importantes, os líderes do povo e outros.
 - c. O rei e sua comitiva.
2. Do outro lado, sozinho: Elias. Não sinta pena dele.
 - a. Não são 1.000 para 1; são 1.000 para 1 *mais Deus*.
 - b. Elias está no controle da situação. Toda vez que ele fala no capítulo é com autoridade; geralmente dando uma ordem.

B. Inicialmente, a confrontação de Elias no monte Carmelo não é com os profetas nem com o rei, e sim com *o povo*.

1. Elias diz: “É hora de decidirem!” (v. 21a).
2. O povo nada responde (v. 21b). Ainda não estão dispostos a se entregar e assumir as consequências.
3. Elias faz uma proposta (vv. 22–24a!)
 - a. Baal era o suposto deus da natureza. O sol era seu suposto trono.
 - b. Se isto fosse verdade, mandar fogo seria uma brincadeira para ele.
4. O povo concorda (v. 24b). “Boa idéia!”

V. UMA CONFRONTAÇÃO TEOLÓGICA (18:25–29)

A. Pela primeira vez, Elias fala diretamente aos profetas de Baal (v. 25).

1. Ele não *pergunta* o que acham da proposta, mas simplesmente *ordena*.
2. Eles têm de fazer o que Elias diz, ou admitir a derrota à revelia diante do povo.

B. Nos versículos 26 a 29, temos o triste espetáculo do barulho e da histeria da religião vã.

1. Muitos se impressionam com um espetáculo ou com vigor e vitalidade. Pelas seis ou sete horas seguintes, os profetas de Baal estão super-ativos, apresentando um grande espetáculo!
2. A zombaria de Elias (v. 27) tem um propósito duplo:
 - a. Mostrar a fraqueza das religiões pagãs.
 - b. Alertar o povo que está acompanhando a histeria mostrando como são ridículas as atitudes dos profetas.

VI. UMA CONFRONTAÇÃO DECISIVA (18:30–35)

- A. É a vez de Elias. Ele reúne o povo e os confronta novamente.
- B. Conserta o altar de Javé que fora derrubado.
- C. Prepara o sacrifício e depois manda que encharquem várias vezes o altar para eliminar qualquer possibilidade de truque. (Há muita água no mar ao lado.)
- D. Ele está preparando o povo para a hora da decisão.

VII. UMA CONFRONTAÇÃO APOIADA NA ORAÇÃO (18:36–39)

- A. Elias está novamente perante o seu Deus. Os profetas de Baal gritaram por seis ou sete horas. A simples oração de Elias ocupa só dois versículos (vv. 36, 37).
- B. Cai fogo do céu e consome o holocausto, juntamente com as pedras, a terra e a água (v. 38)!
- C. Pela primeira vez em anos, o nome de Javé está nos lábios do povo (v. 39)!

VIII. UMA CONFRONTAÇÃO PRÁTICA (18:40)

- A. Os profetas de Baal são mortos.
- B. A malignidade espiritual na nação requer uma cirurgia radical: extrair *tudo*, não deixar nada!

CONCLUSÃO

A. Ainda existem vários grupos distintos de pessoas hoje:

1. Os que são como Elias: totalmente dedicados a Deus e a cumprir a Sua vontade.
2. Os que são como os profetas de Baal: endurecidos no pecado e dedicados à injustiça.

3. Os que são como os filhos de Israel: cuja fidelidade está dividida, “coxeando entre duas opiniões”.
- B. Podemos nos encontrar no terceiro grupo, como os israelitas. Nesse caso, esta lição tem uma mensagem especial para nós.
1. Sendo cristãos, precisamos tomar uma decisão e nos dedicar completamente ao Senhor!
 2. Nenhum fogo do céu será mandado para nos convencer, mas a Palavra de Deus é como fogo (Jeremias 5:14; 23:29); ela é poderosa! Romanos 1:16 diz que o evangelho é “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”.
 3. Deus ainda está procurando pessoas *dedicadas* hoje!



OBADIAS (1 REIS 18:3-16)

Primeiro Reis 18:3-16 é um parênteses na história de Elias e os profetas de Baal. Nele somos apresentados a um homem sobre o qual gostaríamos de saber mais: Obadias.

“Obadias” significa “servo do Senhor”. Há vários Obadias mencionados na Bíblia. Alguns pensam ser este o mesmo que escreveu o livro de um só capítulo chamado “Obadias”. Não podemos afirmar isto com certeza, mas o pouco que sabemos é intrigante:

- 1) Ele “temia muito ao Senhor” (v. 3). Ainda restavam alguns bolsões de fé no reino do norte de Israel.
- 2) Assumindo um considerável risco pessoal, ele esforço-se para preservar a fé. “Quando Jezabel exterminava os profetas do Senhor, Obadias tomou cem profetas, e de cinqüenta em cinqüenta os escondeu numa cova, e os sustentou com pão e água” (v. 4). Isto nos faz lembrar histórias de homens e mulheres heroínas que salvaram vidas escondendo outros do perigo.

A reação de Obadias aos problemas de sua época foi diferente da reação de Elias. Esta série mostra justamente que Deus precisava de Elias para solucionar aqueles problemas. Quem pode dizer que a contribuição de Obadias foi insignificante? Geralmente existe mais de uma maneira de se lidar com um problema, e geralmente cada maneira tem seus pontos elogiáveis.

- 3) Obadias manteve sua fé mesmo enquanto servia num posto público de responsabilidade—num governo iníquo. Ele era “mordomo” da casa de Acabe (v. 3). A divisão que Acabe fez das terras (v. 6) entre ele e Obadias demonstra como ele confiava em seu servo. No tempo que Acabe determinava, o mordomo do rei servia muitas vezes como seu principal conselheiro.

Meu palpite é que Acabe escolheu Obadias para essa posição por causa da fé de Obadias, e não apesar dela, ou porque ele não sabia dela. Obadias obviamente não contou ao marido de Jezabel sobre o esconderijo dos profetas, mas não temos razão para crer que ele mantivesse em segredo sua fé em Javé. Por causa de sua formação, Acabe sabia que poderia confiar plenamente num fiel seguidor de Javé. Até hoje é comum a prática de homens inescrupulosos contratarem pessoas honestas para administrarem seus negócios.

Gosto do comentário de Clyde Miller sobre a posição de Obadias na casa de Acabe: “Obadias, assim como Daniel, Neemias e outros, demonstra que é possível ser servo de um homem em círculos governamentais e ainda ser um servo fiel ao Senhor”¹.

¹Clyde M. Miller, *First and Second Kings* (“Primeiro e Segundo Reis”), Living Word Commentary. Abilene, Tex.: A.C.U. Press, 1991, p. 7:268.